

Ânimo domina o mercado

Felipe Varanda - 19/01/1999

CRISTINA BORGES

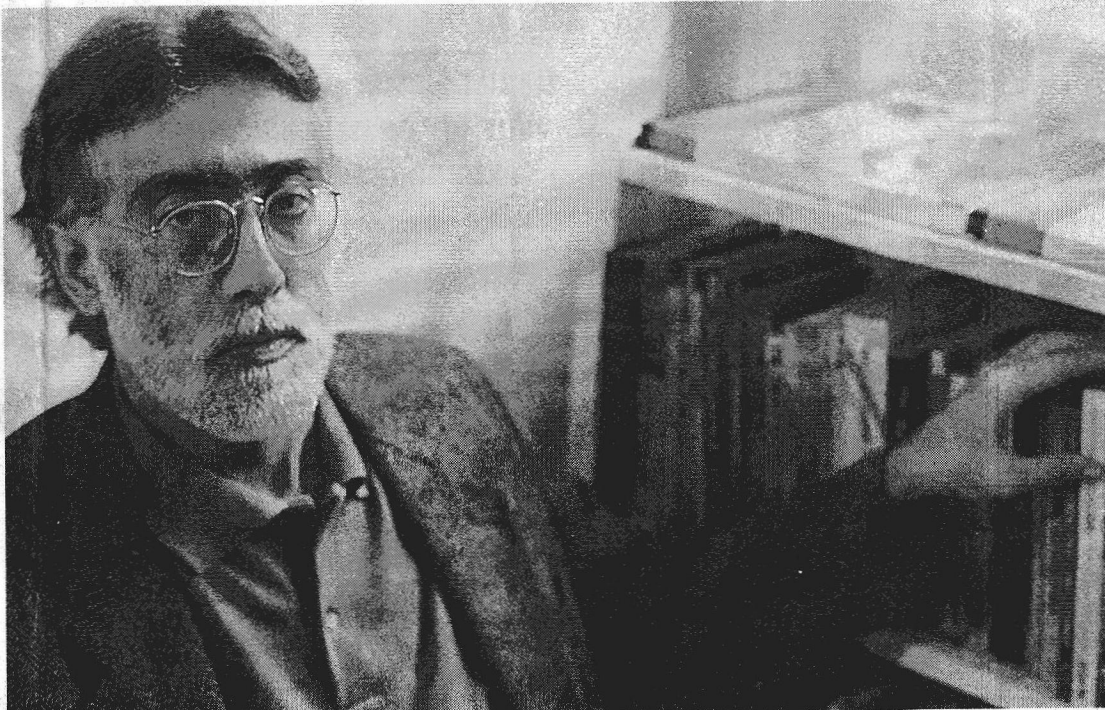
Uma onda de otimismo toma conta das previsões para a economia em 2000. Empresas, instituições financeiras, economistas, governo e entidades de classe são unânimes em estimar crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), das variações mais modestas de 2,5% à oficial de 3,5%. A expectativa geral é de queda dos juros, inflação sob controle, ações em alta, taxa de câmbio inferior a R\$ 2, aumento das exportações, volta dos investimentos externos e consolidação da credibilidade do país.

Um cenário promissor como esse permite sonhar que finalmente o futuro chegou para o Brasil e que a esperança não é apenas uma vocação brasileira. Mas todas as expectativas para 2000 são formadas pelo mercado financeiro, voltadas para interesses bem diferentes da massa de brasileiros. Estes rompem o novo ano cerca de 32% mais pobres com a desvalorização do real, com uma inflação de dois dígitos, medida pelo IGP-M (20,1%), em 1999; endividados com o crédito pessoal, cartão de crédito e cheque especial, além de amargar uma taxa de desemprego estimada em 7,5% e uma perda de 5% do poder de compra do trabalhador.

Metas - O pragmatismo do mercado financeiro, no entanto, centra-se no fundamental: o cumprimento da meta firmada com o Fundo Monetário Internacional (FMI) de superávit primário (receitas menos despesas, sem pagamento de juros) de 3,1% do PIB. No orçamento doméstico não cabem essas contas que foram responsáveis para a formação de um cenário favorável para 2000, afastando a desconfiança de um calote da dívida interna.

O aumento da carga tributária imposto pelo governo, através da CPMF e da prorrogação da alíquota de 27,5% do Imposto de Renda, entre outros, mais o corte de despesas, garantiram a meta com o FMI, reconhece o economista-chefe do Banco Bozano, Simonson, André Loes. A reativação da economia, acrescenta, irá gerar empregos e trazer maior arrecadação. "A tendência geral é muito boa, mas não está tudo garantido. Depende de continuar com soluções fiscais duradouras".

O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, da Tendências Consultoria, reforça que o dado mais importante é a questão fiscal para reduzir a vulnerabilidade do país a crises externas. "Os choques externos não devem se repetir e a política do BC de juros menores



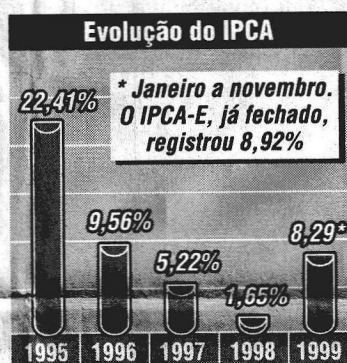
Reinaldo Gonçalves: "A economia vem descendo a ladeira e o trabalhador espera gastar menos"

PIB em US\$ (bilhões)



Fonte: Anbid

INFLAÇÃO



Fonte: IBGE



Fonte: FGV

abre espaço para o crescimento da economia".

O economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, ressalta que um crescimento de 3% do PIB não é significativo, porque sai de uma base fraca. "Depois de dois anos de crescimento zero, seria socialmente grave o PIB não avançar".

Para compor um ambiente mais tranquilo este ano contribui uma menor necessidade do país de se financiar externamente. Enquanto em 1999 foram necessários quase US\$ 62 bilhões para fechar o balanço de pagamentos,

este ano são previstos cerca de US\$ 55 bilhões. É um dado importante para menor pressão sobre o câmbio, diz Roberto Padovani, da Tendências Consultoria.

As amortizações de dívidas externas são menores; a balança comercial sinaliza para um superávit de US\$ 2,3 bilhões, segundo a Associação de Comércio Exterior (AEB). Estão previstos investimentos externos de porte nos setores de telecomunicações, petróleo e energia elétrica, principalmente. As privatizações devem ser retomadas, começando com a Centrais Elétri-

cas de Pernambuco, a Cemar, a Cepisa e o IRB-Resseguros do Brasil.

Juros - Padovani destaca como dúvidas sobre as perspectivas para 2000, o comportamento dos juros internacionais "que vão dar o ritmo da recuperação da balança comercial". Ele destaca, ainda, as pressões sobre a inflação que a recuperação da economia poderão causar, abrindo espaço para reivindicações de aumentos salariais.

"Salário sozinho não provoca inflação", reforça Loyola. Ele lembra que quando os salários crescem junto com o aumento de produtividade o efeito sobre a inflação é nulo, porque aumenta a oferta de bens e serviços.

O economista Reinaldo Gonçalves ressalta que a taxa de investimentos da economia brasileira vêm caindo ao longo dos últimos cinco anos, saindo de 21,4% do PIB, em 1995, para 16% estimados no ano passado. "A economia vem descendo a ladeira e o trabalhador, mais pobre, tem a expectativa de gastar menos".

Gonçalves alerta para o risco de um otimismo exagerado, lembrando que as previsões do FMI, da Comissão Européia, do *The Economist* e do JP Morgan apontam para uma redução do crescimento econômico mundial. "É preciso ter cautela quanto à perspectiva de expansão das exportações brasileiras, porque o lado real da economia internacional está desacelerando".

O economista também chama a atenção para a administração das políticas monetária e cambial, sem margem de erro para evitar um impacto desastroso sobre a inflação e o balanço de pagamentos.